

Conjecturas a Respeito do Campo Científico da Administração e Atuação do Pesquisador

Conjectures Concerning the Field of Scientific Management and Performance of Research

Raphael Schlickmann

Doutor em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina e Pesquisador do Instituto de Pesquisa e Estudos em Administração Universitária (INPEAU) da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Santa Catarina, Brasil
raphas82@gmail.com

Júlio Eduardo Ornelas Silva

Mestrado em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina e Pesquisador e Vice-Diretor do Instituto de Pesquisa e Estudos em Administração Universitária (INPEAU) da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Santa Catarina, Brasil
julioornelas@yahoo.com.br

Andressa Sasaki Vasques Pacheco

Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina, Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Administração da UFSC e Pesquisadora do Instituto de Pesquisa e Estudos em Administração Universitária (INPEAU) da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Santa Catarina, Brasil
andressa.ufsc@gmail.com

Pedro Antônio de Melo

Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina, Professor Adjunto do Departamento de Ciências da Administração da UFSC, Diretor e Pesquisador do Instituto de Pesquisa e Estudos em Administração Universitária (INPEAU) da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Santa Catarina, Brasil
pedro.inpeau@gmail.com

Editor Científico: José Edson Lara
Organização Comitê Científico
Double Blind Review pelo SEER/OJS
Recebido em 29.10.2012
Aprovado em 26.11.2012



Este trabalho foi licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição – Não Comercial 3.0 Brasil

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma discussão teórica do funcionamento do campo científico da Administração e o quanto seus pesquisadores são influenciados pelo contexto em que estão inseridos. Pode-se destacar a relação pesquisador ao homem de negócios, a crítica sobre a atuação daqueles que se denominam “profissionais do saber” e as várias facetas da atividade do pesquisador, com a apresentação de um quadro conceitual para o desenvolvimento de uma epistemologia da Administração. Para tanto, são utilizados como suporte as literaturas de Merton (1979), Bourdieu (1994), Martin (2001), Dortier (2005), Berry (1995), Gingras et al (2001), Louvel (2005), Leclerc (2005), Charle (1998), Audet (1986), Serva (1990, 1992) e Bertero (2006). Levando-se em consideração os aspectos tratados pelos autores supracitados, faz-se uma reflexão que mostra o quanto o *ethos* da ciência, proposto por Merton (2001), tem aparecido, de forma distorcida, quando se parte para a análise da atuação dos pesquisadores no campo científico da Administração, utilizando-se como base o caso brasileiro. Por fim, destaca-se o quanto a atuação dos pesquisadores no campo administrativo brasileiro tem se submetido às práticas do chamado *mainstream* anglo-saxão, as quais são tomadas como modelos.

Palavras-chave: Administração; Campo científico; Pesquisador; Discussão.

ABSTRACT

The objective of this work is to present a theoretical discussion in the functioning of scientific field of Administration and how its researchers are influenced by the context in which they are inserted. It can be highlighted the relation researcher to businessman, the criticism about the performance of those who call themselves “knowledge’s professionals” and its several facets of the activity of the researcher, with the presentment of a conceptual framework for the development of an epistemology of Administration. For which, are used as support the Merton (1979), Bourdieu (1994), Martin (2001), Dortier (2005), Berry (1995), Gingras et al (2001), Louvel (2005), Leclerc (2005), Charle (1998), Audet (1986), Serva (1990, 1992) and Bertero (2006) literatures. Taking into consideration the issues addressed by these authors, a reflection is made that shows how the ethos of science proposed by Merton (2001) has appeared in a distorted way when a analyze is made of the performance of researchers in the scientific field of Administration, using as a basis the Brazilian case. Finally, it can be highlighted how the work of researchers in the field has been subjected to Brazilian administrative practices of the so called mainstream Anglo-Saxon, which are taken as models.

Keywords: Administration; Scientific field; Researcher; Discussion.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é o de apresentar uma discussão teórica em torno do campo científico e da atuação do pesquisador, nele. Mais especificamente, como funciona o campo científico e o quanto seus pesquisadores são influenciados pelo contexto em que estão inseridos. Assim, inicialmente, são apresentados os conceitos e abordagens de campo científico, segundo a concepção de Merton (1979) e Bourdieu (1994), cujas características são discutidas por Martin (2001).

Na sequência, é discutida a atuação do pesquisador no campo científico, tomando por base as contribuições de Dortier (2005), que discute, de forma crítica, a atuação daqueles que denomina “profissionais do saber”; Berry (1995) e Gingras, Keating e Limoges (2001), que relacionam o pesquisador ao homem de negócios; Dortier (2001), que chama a atenção para as várias facetas da atividade do pesquisador; e Louvel (2005) e Leclerc (2005), os quais discorrem sobre a importância dos relacionamentos do pesquisador no campo.

Na sessão seguinte, faz-se uma discussão em torno da produção e difusão do conhecimento no campo da Administração, considerando os trabalhos de Charle (1998) e Dortier (1998), ambos de abordagem crítica. Ainda nesta, seção remete-se aos trabalhos de Audet (1986), que propõe um quadro conceitual para o desenvolvimento de uma epistemologia da administração, em que discute o campo e a atuação dos pesquisadores dessa área do conhecimento; e aos trabalhos de Serva (1990; 1992), nos quais aborda o campo de atuação do administrador no Brasil.

Há uma menção, ainda, a Bertero (2006), que converge em alguns aspectos com os trabalhos de Serva (1990; 1992). Levando-se em consideração os aspectos tratados pelos autores supracitados, faz-se uma reflexão que mostra o quanto o *ethos* da ciência, proposto por Merton (2001), tem aparecido, de forma distorcida, quando se parte para a análise da atuação dos pesquisadores no campo científico da Administração, utilizando-se como base o caso brasileiro. Assim, são discutidas essas distorções, com base em cada um dos quatro passos ou normas desse *ethos*, quais sejam: o universalismo, o comunismo, a falta de desinteresse e o ceticismo

organizado. Essa reflexão abrange, também, a relação entre o campo científico e o mercado, destacando-se o quanto aquele parece reproduzir as desigualdades deste.

Por fim, destaca-se o quanto a atuação dos pesquisadores no campo administrativo brasileiro tem se submetido às práticas do chamado *mainstream* anglo-saxão, as quais são tomadas como modelos. Conclui-se que há no campo científico – especialmente da Administração – uma longa jornada a se percorrer em busca de uma ciência de fato: com a consciência de que a verdade será sempre uma busca infinita. Porque, quando a verdade existir, não existirá mais ciência.

2 O CAMPO CIENTÍFICO

De acordo com Martin (2001), a ciência passou longo período ao largo campo dos trabalhos sociológicos. A partir dos trabalhos de Robert K. Merton, a sociologia das ciências passou a se esforçar em responder a dois tipos de questões: (1) os modos de funcionamento e de organização do espaço científico; e (2) a influência do contexto de produção sobre os conhecimentos científicos.

Assim, Merton (1979) busca examinar os costumes que circundam os métodos da ciência e não os métodos em si. É o que este autor vai chamar de *ethos* da ciência moderna, que compreende quatro passos ou normas: o universalismo, o comunismo, o desinteresse e o ceticismo organizado.

O universalismo está ligado a critérios impessoais, internacionais e virtualmente anônimos da ciência. O comunismo relaciona-se com o caráter socialmente colaborativo da ciência, ou seja, com a obrigação moral do compartilhamento da ciência. O desinteresse está relacionado à paixão do cientista pelo saber, desprovidos de interesses privados. O ceticismo organizado, por fim, tem haver com a “suspensão do julgamento, até que ‘os fatos estejam à mão’, e o exame imparcial das crenças, de acordo com critérios empíricos e lógicos” (Merton, 1979, p. 51).

Para Martin (2001), o *ethos* científico, descrito por Merton, é liberal, igualitário e democrático, desde que sejam seguidas as quatro normas supracitadas. Do contrário, a ciência perde seu valor, sendo controlada por outras instituições econômicas e políticas. Vale ressaltar que essas atitudes, contrárias ao *ethos* de Merton, são contrapostas às normas propostas pelo autor, por meio de exemplos.

Norman Storer, Warren Hagstrom, Gerard Lemaine, Benjamim Natalon, Pierre Bourdieu, Stephen e Jonathan Cole e Diane Crane dão sequência ao trabalho de Merton, na busca pela descrição das motivações individuais dos pesquisadores e pelo conteúdo da produção da ciência (Martin, 2001).

Os primeiros quatro autores mencionados, por exemplo, vão examinar a ciência como um sistema de trocas, semelhante ao mercado econômico, em que os bens trocados são o conhecimento e o reconhecimento. Tal como os empresários lutam para manterem-se no mercado econômico, os cientistas também terão de competir para viver no campo científico (Martin, 2001).

Bourdieu (1994) assinala o campo científico como o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial, em que o que está em jogo, especificamente, nessa luta, é o monopólio da autoridade científica (capacidade técnica e poder social). Assim, todas as práticas estão orientadas para a aquisição de autoridade científica (prestígio, reconhecimento, celebridade, etc.). Nesse sentido, os interesses específicos dos pesquisadores vão ao encontro dos métodos e das teorias que lhe permitam ocupar, de forma legítima, a posição dominante num campo específico (Bourdieu, 1994). “A autoridade científica é, pois, uma espécie particular de capital que pode ser acumulado, transmitido e, até mesmo, em certas condições, reconvertido em outras espécies” (Bourdieu, 1994, p. 130). Ou seja, a carreira científica bem-sucedida torna-se um processo contínuo de acumulação (de reconhecimento, de reputação, de visibilidade), no qual o capital inicial, representado pelo título escolar, tem um papel determinante. Para garantir a acumulação e a posição de destaque no campo, os dominantes contam com estratégias de conservação (perpetuação da ordem científica estabelecida, com a qual compactuam) e os novatos com estratégias de sucessão ou de subversão (Bourdieu, 1994).

Martin (2001) mostra que as descrições de comunidade científica supracitadas têm traços que a aproximam do resto da sociedade: ela é desigual, estratificada e apresenta casos de sexismo e racismo. Estas características geram uma concentração de poderes que tendem a negligenciar as trocas com outros pesquisadores.

Partindo para uma análise de um estudo sociológico das ciências, Martin (2001) traz as contribuições de autores, como Comte, Durkheim, Marx, Khun, Barnes, Bloor, Collins, Bath, até chegar à ciência como prática ou à antropologia das ciências, para quem estudar a ciência é estudar os processos práticos que permitem

aos pesquisadores encontrar um resultado, de decidir qual a experiência é aceitável, ou qual outro resultado deve ser rejeitado. Assim, são os pesquisadores e as realidades que estudam os verdadeiros elementos constitutivos da ciência.

Nesse sentido, busca-se discutir, na seção seguinte, a atuação do pesquisador no campo científico.

3 A ATUAÇÃO DO PESQUISADOR NO CAMPO CIENTÍFICO

Dortier (2005), em artigo denominado *Les professionnels de l'intelligence: portrait de groupe*, discute, de forma crítica, aquilo que se tem chamado de sociedade do saber, especificamente quem são os “trabalhadores do saber” ou como são denominados aqueles que têm como missão criar, difundir e vender os conhecimentos.

Em sua crítica, esse autor deixa claro que o termo “trabalhadores do saber” é impregnado de carga ideológica, pois, na teoria, são colocados como pertencentes a uma nova maneira de trabalho muito liberal, na qual autonomia, interatividade e flexibilidade andam juntas. Porém, essa descrição é colocada como mito, na medida em que a realidade indica, por exemplo, novas relações de trabalho com formas de subordinação inéditas (ruptura do tempo de trabalho e trabalho entrelaçado, por exemplo), além de uma autonomia que esconde um autocontrole permanente.

A realidade em contraponto ao mito dos “trabalhadores do saber” - em que são incluídos, também, os pesquisadores e professores - pode ser ilustrada por Berry (1995), em seu artigo *L'agenda Du Chercheur: que faire quand on a trop à faire?*, em que o autor mostra os *trade-offs* a que o pesquisador contemporâneo está sujeito a todo momento, principalmente com relação ao tempo. Esse autor chega a fazer uma relação entre o homem de negócios (hn) e o pesquisador (p), apresentando os três pares de esferas a que os dois estão sujeitos:

- a) esfera estatutária (hn) X esfera das obrigações (p): a esfera estatutária corresponde às obrigações formais; e a esfera das obrigações correspondem às aulas programadas em horários fixos e às reuniões a que está sujeito (departamentais, núcleos de pesquisa, etc.), sendo que essas obrigações se acumulam à medida que há um progresso na carreira;

- b) esfera de subida (hn) X esfera das solicitações (p): a esfera de subida agrupa as solicitações cujo dirigente é o objeto; e a esfera de solicitações diz respeito aos encontros de campo e ou às propostas de colaboração: convites para proferir palestras, participar de bancas de defesas de dissertações ou teses, avaliar um artigo, etc., sendo que, quanto mais se progressa na carreira, mais essas solicitações invadem a agenda; e
- c) esfera da criatividade (hn) X esfera criativa (p): a esfera da criatividade compreende as atividades as quais o dirigente mostra sua marca pessoal e que são encaixadas nos “buracos” da agenda e que, por essa razão, são suscetíveis de sofrer um contra golpe dos transbordamentos das duas esferas precedentes; e a esfera criativa envolve a participação em seminários ou colóquios.

Outros que relacionam o pesquisador ao homem de negócios são Gingras et al (2001), quando apresentam a ligação que vem sendo feita desde o século passado entre pesquisa e aplicação, fazendo aparecer a figura do pesquisador empreendedor.

Mas, de fato, *Qu'est-ce qu'un chercheur?* (o que é um pesquisador?). Para responder a essa pergunta, que intitula seu artigo, Dortier (2001) chama a atenção para as facetas da atividade científica, a observação dos pesquisadores em seu ambiente de trabalho. Com relatos de pesquisadores de áreas distintas, o autor mostra que a vida de pesquisador não se resume ao trabalho de campo, sendo necessária a participação em colóquios, a realização de publicações, a busca por financiamento para pesquisas, a preparação de viagens ao campo, a organização dos aspectos técnicos do trabalho, a relação com os colegas de trabalho e com outras pessoas, etc.

Leclerc (2005) destaca a importância desse relacionamento com as pessoas e, mais precisamente, com os pares, quando fala do intelectual contemporâneo – os universitários -, na medida em que a universidade é o lugar de seu exercício. Nesse sentido, o autor destaca que o intelectual isolado não existe, pois a notoriedade e a visibilidade por ele almejada só se darão na medida em que este se comunicar com seus colegas, na medida em que estiver enraizado no grupo de seus pares.

Louvel (2005) complementa Leclerc (2005), ao ressaltar que a atividade científica consiste essencialmente em adquirir a credibilidade a qual é dada pelos

pares. Este autor destaca, no entanto, que não há uma homogeneidade entre os intelectuais enquanto grupos: há uma hierarquização simbólica que será tanto mais alta quanto mais alto o prestígio dos intelectuais. Esse prestígio pode ser medido pelo prestígio da instituição de origem; pela produção de uma obra reconhecida; pela influência na edição e publicação; e por ser um diretor de laboratório de pesquisa.

Essa busca exacerbada pelo prestígio – mais precisamente por meio da produção científica, no caso brasileiro – é fortemente criticada por Evangelista (2006), que reinventa a expressão “publicar ou morrer”, sugerindo “publicar *pero sin morir*”.

Na seção seguinte, aborda-se as peculiaridades do campo científico da Administração, enfatizando a atuação dos pesquisadores desse campo.

4 A REPRODUÇÃO E A DIFUSÃO DO CONHECIMENTO NO CAMPO CIENTÍFICO DA ADMINISTRAÇÃO

Ao discutir a produção e difusão dos trabalhos dos pesquisadores, bem como o reconhecimento entre seus pares e a notoriedade pública, Charle (1998) afirma que, para tal, é necessário um jogo de estratégias que tem seus ganhadores e perdedores.

O autor faz um retrospecto histórico daquilo que chama de “lugares de formação” e das “revistas cultas”, concluindo que a dissociação entre os lugares do saber e de transmissão das inovações difundiu uma diferenciação social paralela dos produtores de ideias e uma separação crescente entre esses dois circuitos institucionais. Ou seja, à medida que se institucionalizam os lugares de formação, de transmissão e de difusão de ideias, a concorrência entre grupos de intelectuais transformou-se em uma luta pelo poder e pela legitimidade, únicos meios de acesso a essas instituições, sem as quais a produção de ideias torna-se um cemitério utópico.

Esse fenômeno, continua Charle (1998), explica a emergência do poder, desde o fim do século XIX, dos diretores de coleções, revistas críticas e detentores de um poder universitário os chamados “homens duplos”. O autor sugere que se façam alianças com eles, embora reconhecendo que pode não ser possível, pois suas

ideias se chocam ou aqueles criam suas próprias conexões e acumulam um capital simbólico ou material com sua própria estrutura de edição.

Para Dortier (1998), somente o interesse e a qualidade de uma pesquisa, bem como o renome do autor, permitem explicar que o trabalho alcance uma difusão mais importante, próxima a um público maior. A produção de um livro, bem como sua aceitação pelos leitores são dependentes de um jogo social já estruturado, dentro de cinco grandes “mercados” ou “campos” de propagação: o científico, o do debate intelectual, o da vulgarização, o do ensino e, por fim, o campo das “aplicações e utilizações” das ciências humanas.

Ao propor um quadro conceitual para o desenvolvimento de uma epistemologia da administração, Audet (1986) inicia, elaborando uma conceituação de campo. Para ele, campo é o lugar das relações entre atores humanos que pretendem produzir conhecimentos definidos ou que são reconhecidos como tal e, ainda, que estão em concorrência para obter o controle da definição das condições de produção e validação desses conhecimentos. Essas relações engendram a dinâmica do seu conteúdo (*corpus*), na medida em que produzir conhecimentos constitui a principal forma de ação pela qual os produtores tentam controlar as regras de produção e de validade do conhecimento.

Assim, Audet (1986) identifica dois grupos no campo dos conhecimentos da administração: o dos praticantes (participação direta nas ações administrativas) e o dos não-praticantes (concentração das tarefas na produção de conhecimento e não participação direta nas ações administrativas, como os universitários). Esse autor finaliza seu quadro conceitual, abordando as duas possibilidades de estudos concretos no campo da administração: os temáticos (tratam da racionalidade instrumental, pragmático, a-histórico) e os morfológicos (tratam de uma fração do campo, em lugares específicos, durante um período dado).

Em seu artigo *Contribuições para uma teoria organizacional brasileira*, Serva (1990) faz uma crítica ao suporte teórico fornecido pelas escolas, em face do campo de atuação do administrador no Brasil, caracterizado, como: voltado ao sistema oligopolizado de produção, segundo a concepção de Guerreiro Ramos; tecnicista, de cunho normativo e baseado em prescrições antigas para problemas atuais; e voltado à reprodução ideológica das experiências já consolidadas no contexto americano (como destaca também Bertero, 2006). Para tanto, Serva (1990) sugere que o fenômeno organizacional brasileiro seja reconstituído historicamente e analisado à

luz das especificidades culturais brasileiras. A crítica de Serva se faz ainda mais contundente em outro trabalho, *A importação de metodologias administrativas no Brasil – uma análise semiológica*, publicado em 1992, na Revista de Administração Pública.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, buscou-se apresentar uma discussão em torno do campo científico e da atuação do pesquisador neste campo. Em termos mais específicos, como este campo está organizado e a influência do contexto na atuação dos seus pesquisadores. Discutiram-se alguns conceitos e abordagens sobre o campo científico em geral e o campo científico da Administração e, ainda, aspectos inerentes à profissão do professor-pesquisador das ciências sociais e da Administração. A partir dessa discussão, algumas reflexões se fazem pertinentes.

Foi possível constatar como as questões colocadas pelos autores apresentados são visíveis e pertinentes na realidade acadêmica. Salta aos olhos a distorção do *ethos* da ciência, proposto por Merton (1979).

É difícil crer que exista o universalismo nas instituições científicas e entre seus membros, se sabemos que, em certas revistas e eventos científicos, o que muitas vezes se vê é a política da “boa vizinhança” ou, melhor falando, aprova-se a pessoa, não seu trabalho: “Interessante este trabalho... vamos ver de quem é... ops! Se bem que esta introdução não está bem ‘redondinha’...”.

Com relação à norma ou passo comunismo de Merton (1979), a questão é ainda mais delicada, principalmente se tomarmos como exemplo o Brasil. Em nosso país, os mais renomados centros de pesquisa e de produção científica são bancados com dinheiro público. Logo, entende-se que os resultados das pesquisas deveriam ser repartidos, ser socializados e beneficiar a sociedade em geral, pois é ela quem possibilita que as pesquisas sejam realizadas. Entretanto, o que muito se vê é o uso de recursos públicos (monetários e principalmente humanos, materiais e físicos) para se atingir a um resultado que será, muitas vezes, usado em benefício de poucos. De acordo com Côrrea (2007), segundo dados do Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (INPI), dentre os dez depositantes de Patente de Invenção e de Modelo de Utilidade mais expressivos no país, observa-se a presença de 2

universidades, 1 agência de fomento, 1 estatal e 6 empresas privadas. Ainda, segundo Côrrea (2007), baseada em estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas 10% dos mestres e doutores estão trabalhando na indústria. Nesse sentido, vale a pena perguntar: se a universidade é “protagonista” (CÔRREA, 2007, p. 44) na geração de pesquisas no país, não deveria ser ela a detentora do maior número de patentes? O que está errado? Até que ponto essa questão é discutida de forma adequada pela academia? Em que termos se dão as parcerias entre empresas e universidades? Todos saem ganhando?

A “falta de desinteresse”, por parte do pesquisador, é outro ponto a ser destacado. No campo da Administração, isso é bem visível: quantas disciplinas se prestam à discussão mais crítica desta ciência nas faculdades? Parece não haver interesse pela crítica, mas em manter o *status quo*. Há um desprezo pelas interrogações e um incentivo às pseudosoluções aos problemas das organizações.

O ceticismo organizado está muito relacionado aos outros pontos. O seu não uso pode ser verificado, por exemplo, em muitas bancas de pós-graduação, em que não se discute, não se questiona, apenas se adjectiva. Não é possível levar a sério uma banca em que não há dúvidas, não há questionamentos, não há críticas. Ou pior, há pseudocríticas.

Outro ponto que é interessante mencionar são as considerações dos autores que relacionam o campo científico ao mercado. De fato, parece prevalecer a ideia de que o campo científico serve como mais um meio para o mercado atingir seus objetivos de acumulação e lucro máximos. Essa “confusão”, talvez, ocorra porque no campo científico, como no mercado, as desigualdades também são perceptíveis: quem mais publica X quem menos publica; periódicos *Qualis A1* X periódicos *Qualis C*; universidades recomendadas X universidades não recomendadas, etc. Ressalta-se que essas dicotomias sempre estão embebidas da convivência entre dominantes e dominados, na medida em que os dominantes aparecem como defensores do *status quo*, enquanto os dominados são aqueles que acabam legitimando essa dominação por escolha própria (são os apoiadores do *status quo* que buscam fazer parte dele) ou não conseguirem se impor (são os subversivos que lutam para mudar o *status quo*), utilizando os conceitos de Bourdieu (1994).

Essa dominação pode ser facilmente identificada quando se foca a análise para o campo administrativo brasileiro. Mais precisamente, verifica-se – de forma

geral – uma submissão dos atores de nosso campo às práticas do chamado *mainstream* anglo-saxão, tomando-as como modelos.

Assim, em nosso campo, é comum partir-se do pressuposto de que não existem várias realidades. Ou seja, considera-se que há o campo da administração e os conhecimentos nele produzidos servem ou “são aplicáveis” - como preferem os funcionalistas - a quaisquer realidades. Os modelos gerenciais traduzidos nos livros didáticos são exemplo disso. Pior: muitos trazem versões tupiniquins e pioradas de modelos advindos de outros lugares, com outros atores, outras culturas, outras instituições, enfim, uma infinidade de diferenças que precisam ser levadas em consideração no momento de uma análise. Busca-se enquadrar a realidade em um modelo, quando dever-se-ia buscar uma novo modelo, na medida em que se tem uma nova realidade. É como se não fôssemos capazes de entender a nossa realidade, como se estivéssemos predestinados a aceitar que o “que vem de fora” é o melhor. Em outras palavras, aceitamos ser coadjuvantes, preferindo a sucessão à subversão, mais uma vez remetendo-nos a Bourdieu (1994).

Mas, aceitar que o “que vem de fora” é melhor é tão inegavelmente falso que a questão geográfica EUA X Brasil é somente emblemática, na medida em que a tentativa de aplicações de modelos e explicações pode ocorrer – e ocorre – inclusive internamente. Em outros termos, ainda que se desenvolva um “modelo de gestão” para uma determinada organização em Florianópolis, Santa Catarina, este não será necessariamente aplicado a uma “organização semelhante” em Belém, no Pará. Outros processos históricos, outras culturas, outros atores, outras instituições, enfim, outras realidades. Parece óbvio, lugar comum essa discussão e esse exemplo. E de fato é. Mas a realidade aponta justamente para o desprezo a este fato. Ainda opta-se pelo exemplo do modelo de fabricação de “tortas de maçã”, mesmo que o professor e o gerente só conheçam o sabor do “bolinho de fubá”. No Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade/EnEPQ, realizado pela ANPAD, em 2009, um professor chamava a atenção para a necessidade de se estudar as práticas organizativas brasileiras e suas peculiaridades, mencionando uma questão exemplar: como algumas empresas brasileiras adaptaram-se e sobreviveram aos diferentes contextos sociais, políticos e econômicos, aos quais o país atravessou nas últimas décadas, levando-se em consideração que essas foram muito mais abruptas se comparadas as que ocorreram em países relativamente mais

estáveis, como os anglo-saxões. O professor destacou, ainda, que embora a adaptação de nossas empresas tenha sido relativamente maior, são as empresas de outros países que tomamos como “modelos de gestão” a seguir.

Algo que também merece ser destacado no que tange às discussões de Serva (1990; 1992), é o fato de o quanto ainda precisamos avançar rumo à consolidação de um paradigma crítico no campo da administração no Brasil, ainda que pareça estar mais vultoso nos últimos anos.

Assim, percebe-se que há no campo científico – especialmente da Administração – uma longa jornada a se percorrer em busca de uma ciência de fato: com a consciência de que a verdade será sempre uma busca infinita. Porque, quando a verdade existir, não existirá mais ciência.

REFERÊNCIAS

- Audet, M. & Malouin, J.-L. (Orgs.) (1986). *La production des connaissances scientifiques de l'administration*. Quebec : Les Presses de l'Université Laval.
- Berry, M. (1995). *L'Agenda du chercheur: que faire quand on a trop à faire?* *Sciences Humaines*. (9), 19-22.
- Bertero, C. O. (2006). Prefácio. In Fachin, R. C. *Construindo uma associação científica: trinta anos da ANPAD – memórias, registros, desafios*. Porto Alegre: [s.n], (p. 11-21).
- Charle, C. (1998). *Produire et diffuser: les arcanes de la reconnaissance*. *Sciences Humaines*, hors-série (21).
- Côrrea, F. C. (2007). *A patente na universidade: contexto e perspectivas de uma política de geração de patentes na Universidade Federal Fluminense*. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação, Niterói.
- Dortier, J.-F. (2005). *Les professionnels de l'intelligence: portrait de groupe*. *Sciences Humaines*. (157), 28-33.
- Dortier, J.-F. (1998, Jun./Jul.). *La diffusion des sciences humaines*. *Sciences Humaines*, (21), 42-44.
- Dortier, J.-F. (2001, Jan./Fev.). *Qu'est-ce qu'un chercheur?* *Histoire philosophie des sciences*. (31), 48-53.

Evangelista, O. (2006). Publicar ou morrer. In Bianchetti, L. & Machado, A. M. N. (Orgs.). *A bússola do escrever*. (2. ed., pp. 297-300). São Paulo/Florianópolis: Cortez/UFSC.

Gingras, Y.; Keating, P. & Limoges, C. (2001, Jan./Fev.). Du savant au chercheur entrepreneur. *Histoire philosophie des sciences*, (31), 32-35.

Leclerc, G. (2005, Fev.). Qui sont lês intellectuels? Le cãs dêes universitaires. *Sciences Humaines*, (157), 34-37.

Louvel, S. (2005). Le monde des chercheurs. *Sciences Humaines*, (157), 38-41.

Martin, O. (2001). La construction sociale des sciences. *Sciences Humaines – hors-série*, (31), 63-75.

Merton, R. K (1979). Os imperativos institucionais da ciência. In Deus, J. D. de (Org.). *A crítica da ciência: sociologia e ideologia da ciência*. (2.ed., 41-52) Rio de Janeiro: Zahar.

Serva, M. (1992, out./dez.). A importação de metodologias administrativas no Brasil: uma análise semiológica. *Revista de Administração Pública*, 26(4):128-44.

Serva, M. (1990, fev./abr.). Contribuições para uma teoria organizacional brasileira. *Revista de Administração Pública*, 24(2), 10-21.